



Por Andrea Carneiro

Para os caros leitores, tive vontade de mostrar a vida de alguém... mas, não podia ser qualquer um, teria que ser o melhor entre os melhores. Dai ter escolhido uma biografia, escrita por António Carlos Carvalho, editada pela Ulisseia, que fala da vida de um génio que viveu entre os palcos e as cenas e também os poemas... Estou a falar-vos de João Villaret.

Nascido a 1913, em Lisboa, filho de um médico ilustre. O Grande João Villaret em criança demonstrou um talento para o bailado. Ironicamente quis participar numa peça de teatro no colégio inglês que frequentava, mas a professora disse-lhe que não tinha jeito para a representação. Sempre aceitei em casa a paixão do teatro e com uma força singular, foi vê-lo crescer e ganhar notoriedade. De mencionar que a primeira peça notável foi apresentada no Teatro Nacional Almeida Garret, intitulava-se "Leonor Teles". Daqui foi seguindo e somando sempre com uma admirável postura na vida. Pois, para além de grande profissional, regia-se por princípios que hoje escasseiam. Por exemplo, posso citar que o actor recebeu a dada altura uma proposta para dirigir a sua própria companhia, o que ele recusou por respeitar o Teatro Nacional para quem trabalhava. Os adjectivos que os colegas de profissão que estão entre nós ou que já se foram colocam-no acima de qualquer ser humano. Senão vejamos: culto, inteligente, profundamente bom, talento único da sua geração, uma pessoa maravilhosa, um actor apaixonante, a forma como recitava poemas não deixava ninguém indiferente...

Ao logo da sua via João Villaret fez dez revistas e no final de algumas, muitos foram os poemas que João recitou levando ao rubro quem estava na plateia. "A gente vê-os, vivem na voz de Villaret, nas suas mãos que cantam, que sofrem, que acariciam, e matam, mãos que um génio esculpiria se quisesse simbolizar a vida [...] No fado de Villaret há alma, só alma, e mais nada, alma e Mouraria. O Fado é, sobretudo, o artista."

Quanto à sua experiência cinematográfica, contam-se nove participações em filmes, tendo-se estreado em 1936 com "Bocage" de Leitão de Barros.

Nesta biografia diz-se que "nenhum realizador português soube ou conseguiu aproveitar o talento de Villaret em todas as potencialidades..."

O Próprio João dizia: "Tenho feito cinema apenas esporadicamente, porque o cinema nacional não me parece que tenha uma continuidade, que haja um actor português que possa dizer que é artista de cinema. No Teatro nós encontramos uma continuidade de representação, mesmo com todos os perigos da carreira e com toda a sua instabilidade. O que não há dúvida é que o teatro em Portugal é uma profissão que se pode fazer mas, agora, ninguém pode contar com a base do cinema para fazer a sua vida de artista. Vou fazer trinta anos de teatro e, de cinema, se juntasse não tinha nem doze meses". «...Foste simplesmente grande: grande pela inteligência e pela sensibilidade...»



## O musical imperdível de filipe la féria...



Por Delfim Sousa

Filipe La Féria merece indiscutivelmente o aplauso do público pelo trabalho que tem desenvolvido no Rivoli Teatro Municipal! Os musicais "Jesus Cristo Supearstar", "Música no Coração", "Violino no Telhado", bem como o espectáculo infanto-Juvenil "O Principezinho", têm merecido aplauso emotivo dos milhares de pessoas que unanimemente coroam de êxito a qualidade e o brilho colorido e musical das representações.

La Féria, contrariamente à opinião de muitos críticos, não constrói sucessos fáceis e vazios de conteúdo. Repor ou propor temas conhecidos do público em geral, muitas vezes abordados no cinema, obriga a um patamar de exigência absoluta na encenação esplendorosa, na música sentida e alegre, na coreografia enérgica e colorida, na cenografia imaginativa, nos figurinos, etc. Sem cessar, em cada proposta musical, La Féria, tem a virtualidade de aumentar o grau e a responsabilidade de execução dos seus actores, quase que exigindo ao seu público a educação de um olhar ousado e exigente na apreciação estética das produções que apresenta.

Os sucessos rigorosos de La Féria são dirigidos para a generalidade das pessoas, não excluindo ninguém (não existem elites de público), mas incluindo todos numa linguagem cénica apelativa de valores universais aceites ou postos em causa pela interpelação que suscitam.

Nesta linha de acção, encontramos o

musical "Um Violino no Telhado", baseado em contos judaicos do escritor Sholem Aleichem (com adaptação ao teatro: libreto de Joseph Stein, música por Jerry Bock e letra das cantigas por Sheldon Harnick), que, tal como refere La Féria, «fala sobre o impacto das mudanças sociais e políticas no seio das comunidades e das famílias comuns, assim como as consequências das mentalidades xenófobas do preconceito e da conveniência, tendo a qualidade de permitir passar uma mensagem forte enquanto diverte e comove». Um texto de actualidade que nos obriga à reflexão das atitudes humanas perante um mundo contemporâneo que sofre os impactos da globalização e da interculturalidade.

Destacamos a escolha do actor José Raposo que encarna a personagem principal Tevye, "o leiteiro filósofo". Raposo desempenha um papel magistral! As palavras doces e amargas, explicativas e interrogativas, são pronunciadas, cantadas e dançadas com total aplicação que infundem o realismo das mutações que se vão operando nas vidas das personagens da pequena cidade Russa de Anatevka. A interpretação de Raposo é um "diálogo" exemplar e pleno de vivacidade com os espectadores. Notável!

O desempenho de Rita Ribeiro e do restante elenco merecem também uma palavra de registo pela interpretação expressiva e empenhada ao longo da peça.

As palavras escritas são parcas para testemunhar a experiência e a forte emoção de assistir à beleza do Musical "Um Violino do Telhado", na sala do Rivoli. Imperdível!



www.netradiocatolica.com